



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Situação de Aprendizagem 11 A CRÍTICA A RAZÃO DE KANT

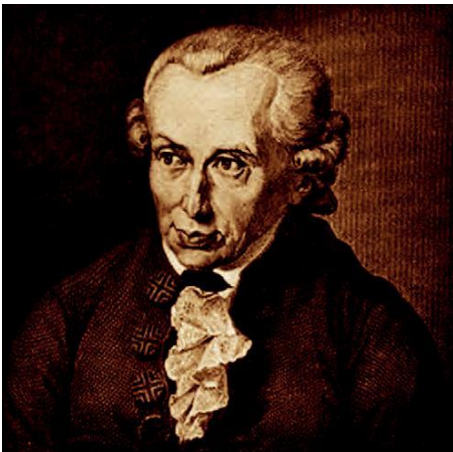
1. Introdução

Immanuel Kant nasceu, estudou, lecionou e morreu em Königsberg. Nunca saiu dessa cidade da Prússia Oriental, centro da intelectualidade e comercial. A vida de Kant foi austera e, costuma-se dizer, regular como um relógio.

Kant era de família protestante, da Igreja Luterana, o que deixou profunda influência sobre o seu pensamento, marcado pelo racionalismo e pelo culto à moralidade interior do homem.

A primeira obra importante de Kant foi o Ensaio sobre o mal radical, em que estuda o problema do mal. Nessa obra, o mal não é visto apenas como a simples “privatio bone” (ausência do bem, como entendia o antigo filósofo neoplatônico Platonino), mas o objeto muito positivo de uma liberdade malfazeja.

Kant distingue o conhecimento sensível que abrange as instituições sensíveis e o conhecimento inteligível, ou seja, das ideias metafísicas. As obras seguintes expõem o pensamento chamado crítico do filósofo: a *Crítica da Razão Pura* (1781), em que explica essencialmente porque as metafísicas são voltadas ao fracasso e porque a razão humana é impotente para conhecer o fundo das coisas; e a *Crítica da Razão Prática* (1788), obra em que estuda o problema da moralidade humana. Escreveu também outras importantes obras: *Fundamento da Metafísica dos Costumes*, a *Crítica do Juízo* e outros.



Só o resultado permite imediatamente julgar se a elaboração dos conhecimentos pertencentes aos domínios próprios da razão segue ou não a via segura da ciência. (Kant)

2. O significado do termo “Crítica”

O termo ‘crítica’ pode ser entendido como o método kantiano da reflexão analítica ou da análise reflexiva. Esse método parte do exercício de remontar do conhecimento às condições que o tornariam legítimo. Kant não duvidava das verdades científicas de sua época, tampouco dos princípios morais, contudo, achava necessário buscar os fundamentos racionais que sustentavam essas verdades universais. Assim, os juízos rigorosamente verdadeiros, e, portanto, necessários e universais, são juízos *a priori*, isto é, independentes dos azares da experiência, sempre particular e contingente.

3. Texto sobre o pensamento Kantiano

Por Julián Marías (Filósofo espanhol cristão, autor de inúmeros livros)
(Esse texto resulta de uma conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, em Madrid, entre 1999 e 2000. Edição: Jean Lauand. Tradução: Elie Chadarevian)

Hoje vamos falar de Kant. Kant é uma das maiores figuras da História da Filosofia, mas, além disso, representa algo de muito especial neste curso, cujo tema “Os estilos da Filosofia”. Como veremos, ele não só representa um estilo novo, mas também tem uma particular consciência disto.

Kant, nasceu em 1724 e morreu em 1804. Nasceu, viveu e morreu em Königsberg, não saiu de sua cidade natal. Era um homem metódico, as pessoas acertavam seus relógios quando o senhor Kant passava, por certo lugar, porque passava sempre na mesma hora.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Era de uma família modesta, muito religiosa, protestante, pietista, teve uma vida de professor, solitário, uma vida enormemente singela e simples. É curioso o fato de que tinha boa imaginação: dava cursos de geografia e, ao que parece, descrevia países que não conhecia, que nunca tinha visitado, com grande imaginação.

Seu pensamento filosófico começou cedo, sem muita precocidade, mas há uma longa época em sua vida – que o que depois se denominou “o período pré-crítico” – na qual – mais ou menos – segue os caminhos do pensamento dominante das primeiras e médias décadas do século XVIII. Depois há uma época bastante longa em que não escreve, medita, pensa... e então começa o período crítico: em 1781 publica seu livro principal, *Crítica da razão pura*, que depois voltou a publicar – uma edição bastante modificada – em 1787. Justamente a palavra “crítica” é essencial nesse período; ele publica outros livros importantes: *Crítica da razão prática*, *Crítica do juízo*, *Fundamentação da metafísica dos costumes*...

O interessante é que nessas obras de maturidade, mais propriamente pessoais, que marcam um estilo novo – ele tem consciência disto – diz que se trata de “uma revolução copernicana”. Ele pensa na inversão da concepção astronômica de Ptolomeu feita por Copérnico e apresenta sua filosofia como sendo “uma revolução copernicana”, ou seja, ele tem plena consciência de um novo estilo. Este estilo tem a ver, evidentemente, com a tendência que já temos encontrado (e a vimos claramente em Descartes): a tendência a evitar o erro. Mais do que a descoberta da verdade, com mais força ainda, o que se busca é evitar o erro.

Lembrem como Descartes põe em dúvida muitas possibilidades de conhecimento, ele acha que não são seguras e busca evitar o engano, e procura um fundamento indubitável, que vai ser o cogito, a mente que pensa: algo do qual não se pode duvidar. Isto aparece também no empirismo, especialmente em Locke, também há uma espécie de renúncia a muitos problemas – já os vimos outro dia – justamente porque se trata de poder estar seguro mediante a experiência. Pois bem, isto é capital. Não esqueçamos que Kant recebe uma poderosa influência não só de Locke, mas também de Hume, a quem chama “esse homem adulto”, que chega a uma forma inclusive quase cética do empirismo de Locke e questiona uma série de possibilidades de conhecimento: isto faz com que Kant fique em alerta, e ele vai se concentrar sobre os objetos da razão e seus limites, suas possibilidades. É a crítica da razão.

Cabe aqui um esclarecimento terminológico: em Kant a palavra “puro” quer dizer independente da experiência. Kant dirá em algum lugar: “Todo conhecimento começa com a experiência, mas nem todo conhecimento se funda na experiência”. Há conhecimentos que não se fundam na experiência, isto quer dizer “puro” ou também, com outro termo que ele usa muito, “a priori”. “A priori” ou “puro” quer dizer independente da experiência, oposto à “a posteriori”, que é fundado na experiência.

Em segundo lugar, outro esclarecimento terminológico, quando Kant fala de crítica da razão pura e de crítica da razão prática o leitor não filósofo supõe que há uma contraposição entre puro e prático. E não: a razão pura é toda a razão; é a razão pura teórica e a razão pura prática. Ou seja, o adjetivo “puro” corresponde às duas, a diferença é que uma é teórica e outra é prática.

Kant vai empreender a tarefa da crítica da razão, de estabelecer os limites da razão, suas possibilidades, sua justificação e isso justamente no momento em que a Física de Newton tem um enorme prestígio. E as três perguntas fundamentais que Kant lança na *Crítica da Razão Pura* são: Como é possível a matemática pura? Como é possível a física pura? É possível a metafísica?

Vejam a diferença entre as perguntas: toma como certo que são possíveis a matemática e a física puras e pergunta se é possível a metafísica. E diz que ainda não se encontrou o caminho seguro da filosofia: enquanto a matemática e as ciências encontraram um caminho seguro e progridem, avançam, se consolidam; em filosofia, em metafísica não se chegou a ter o caminho seguro da ciência e isto é justamente o que ele vai buscar, o que vai determinar a obra de Kant.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Isto vai levar Kant a uma reflexão muito profunda. Normalmente considera-se que o pensamento conhece as coisas; conhece as coisas tal como são. E Kant diz: não, isto não é possível. O que chama de “a coisa em si”, não se pode conhecer; porque eu conheço “a coisa em mim”. O que eu conheço, conheço submetido a mim; submetido ao meu espaço, ao meu tempo, às minhas categorias, isto é a “coisa em mim”, que ele chamará “fenômeno”, opondo-o ao “*noumenon*”, a coisa em si.

Quando eu conheço algo, transformo, modifico a coisa em si, que, como tal, é inadmissível. É contraditório que eu conheça a coisa em si porque quando a conheço está em mim, ingressa em minha subjetividade, que a modifica. É algo capital, decisivo, que vai iniciar uma nova maneira de propor os problemas filosóficos e é justamente isto que a Crítica da Razão Pura vai explorar.

Então faz uma crítica muito profunda da qual, naturalmente, só podemos dar umas poucas amostras. Por exemplo, recordem como, por meio de Deus, esse famoso problema da comunicação das substâncias foi resolvido na filosofia do século XVII (Deus como garantia da evidência em Descartes: não há um gênio maligno que nos engana, etc.). A abordagem de Kant é diferente: fala-se da existência como se fosse uma qualidade das coisas... e não! O ser não é um predicado real. O que isto quer dizer? Não é que uma coisa seja o que é e, além disso, exista; não! A existência não é um predicado real. Ele diz “Cem táleres - a moeda da época - pensados são o mesmo que cem táleres reais” (bem, no meu bolso, não, não é o mesmo... [risos] se tenho mil pesetas possíveis ou se tenho mil pesetas reais, há uma pequena diferença...). Mas, em que consiste a diferença? Não no conteúdo, mas na conexão com a experiência. Digamos: os cem táleres reais estão aqui, tenho-os na mão, estão nesta mesa, estão em conexão com a experiência; os outros, não. Portanto é um caráter que não é intrínseco à própria coisa: a existência é justamente algo que é a conexão de alguma coisa com o conjunto da experiência: é o que os filósofos dessa época – e Kant é o primeiro – chamarão “a posição”, está posto: o ser não é um predicado real. Por exemplo, Fichte, o discípulo mais próximo de Kant dirá, em sua forma de idealismo: o eu, se põe a si mesmo e ao não eu; o não eu, o mundo, é posto pelo eu – por isto é idealismo.

4. Há um ato de posição: isto é muito importante no pensamento pós-kantiano.

Isto leva a uma ideia que é o que se vai chamar o ser transcendental. É uma ideia capital e por isso o idealismo de Kant é chamado de idealismo transcendental. A escolástica já usava os conceitos de imanente e transcendente. Imanente é o que permanece no sujeito; transcendente é o que está além. Kant dirá: não se trata de imanente nem de transcendente, trata-se do transcendental. O transcendental é o resultado da inserção, digamos, do real em si – que não é acessível, que não se pode conhecer diretamente como tal – em minha sensibilidade: o espaço, o tempo e as categorias são as que ordenam o que, de modo bruto, é simplesmente um caos de sensações. O que eu vejo, o que eu percebo está ordenado segundo o espaço, o tempo e as categorias e isso não são as coisas, mas os fenômenos, que é o que eu conheço.

Este é o ponto de vista da visão kantiana do real, que traz naturalmente consigo uma visão do conhecimento. Uma visão que é – e isto terá consequências – uma transformação do real: ao conhecer eu transformo; o noumenon, a coisa em si não é acessível, não é cognoscível, porque conhecer quer dizer transformar o noumenon em fenômeno, que é o que eu conheço. Portanto o conhecimento é, de certo modo, uma transformação do real. É interessante como, por exemplo, muito recentemente se chegou a uma visão, inclusive física, que tem conexão com isto: para estudar um fenômeno físico, eu devo iluminá-lo, mas a luz transforma o objeto, o modifica: se eu ilumino um sistema físico, modifico-o, mas para conhecê-lo tenho que iluminá-lo...



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Kant tem, então, a matemática e a física – e a física de Newton é o modelo de ciência que é válido para ele (isto, naturalmente, pode-se corrigir, foram feitas críticas posteriores, houve modificações muito profundas com Einstein, com Planck, com Heisenberg etc., mas para Kant a física de Newton tem plena validade). E Kant se depara com o problema da metafísica; os grandes problemas: Deus, a liberdade, a imortalidade. Estes problemas escapam à experiência.

Então ele dirá: não é possível chegar a um conhecimento pleno na crítica da razão pura dessas realidades que vão se portar como o que ele chamará de ideias regulativas, mas não são objeto do conhecimento especulativo, da razão pura teórica. Kant então se encontra com este fato e há uma limitação, que afeta precisamente estes grandes temas da metafísica. Mas não é que desapareçam, o que ocorre é que reaparecem no âmbito da razão prática e precisamente no âmbito da moralidade. E há um fato da moralidade: o homem é moral. O homem se sente responsável e, portanto, livre. E, portanto, moral. O único bem sem restrições é a boa vontade, que será o núcleo da atitude moral de Kant: a boa vontade. Ele vai precisamente considerar que a boa vontade consiste no respeito ao dever. Kant desvaloriza os desejos, os sentimentos, as emoções... tudo isto está muito bem, mas não tem que ver com a moralidade. Se eu faço algo porque me comovo, porque me parece desejável, por compaixão... isto está muito bem pessoalmente, mas não tem nada que ver com a moral. A moral consiste em que eu faça algo por puro respeito ao dever. Este é o ponto de vista kantiano.

Por um lado, Kant necessita estabelecer uma moral que seja absolutamente válida. Ele distingue entre imperativos condicionados e imperativos categóricos. Se dizem a uma pessoa: – Não coma demasiado porque vai engordar – Pois bem, vou engordar. Não faça tal coisa porque vai se machucar.

Pois bem, vou me machucar... ou seja, o imperativo perde validade, porque são imperativos condicionados, dependem de uma condição: se essa condição falta ou não se cumpre, então o imperativo cai. E ele quer um imperativo categórico, que obrigue sem restrições, sem mais. Então tem de ser um imperativo não material, não de conteúdo, que não dependa de tal ou qual coisa, mas: Faça as coisas de tal maneira!

A fórmula – há várias fórmulas para o imperativo categórico, mas seria mais ou menos isto: “Age de modo que o motivo de tua ação possa ser uma lei universal da natureza”. Se eu posso querer que o motivo pelo qual faço algo se converta em lei universal da natureza, então isto moralmente obriga de modo absoluto.

Ele dá exemplos, alguns muito triviais: se uma pessoa, faz um depósito em empréstimo para outra pessoa, há obrigação de devolver. Ou será que posso desejar que seja lei universal que quando se faz um empréstimo não se devolva? Ou que possa querer que seja lei universal que se minta quando se fala? Não, porque então ninguém acreditaria no que se diz e não se poderia viver.

Como veem, essa ideia muito profunda em Kant – a ideia de uma moral autônoma, categórica – não pode ser uma moral de conteúdo – o que depois se chamará “moral material” – é uma moral formal, que se atém à forma da ação, ao motivo pelo qual se executa uma determinada ação.

Ora, o fato da moralidade – o fato de que o homem é responsável, se sente responsável e, portanto, livre e, portanto, moral – faz com que ingressem no campo da razão prática – que é superior à teórica – esses grandes temas, que não se podem equacionar suficientemente na esfera da razão pura teórica; essas grandes ideias regulativas, reaparecem no mundo moral, culminam no conceito de pessoa moral, que é central no kantismo.

Como veem, é realmente uma revolução copernicana, é uma mudança profundíssima, é uma maneira nova de ver as coisas, é uma renúncia à crença ingênua de que se conhecem as coisas em si mesmas – há uma subjetividade que as transforma, que as converte em algo diferente; conhecer é transformar –, mas se salvam os grandes conteúdos da metafísica na esfera da razão prática.

É que a metafísica é “uma tendência natural”: o homem não pode renunciar a fazer metafísica; o que acontece é que a tem que deslocar da razão especulativa para a razão prática. “Em primeiro lugar tive que eliminar



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



o saber para dar lugar à crença”, uma crença racionalmente justificada, na esfera da razão prática, que é a decisiva. **Isto foi, naturalmente, como uma espécie de terremoto intelectual.**

Naturalmente se trata de um sistema complexo e difícil: se quiserem ler Kant, eu lhes recomendo as grandes Críticas, que são muito difíceis e muito extensas. A fundamentação da metafísica dos costumes é um livro breve, muito acessível e claro. E a Introdução à Lógica de Kant, publicado por Jaesche, e que é uma introdução a seu método filosófico.

Kant foi um filósofo que viveu 80 anos. E só muito tardiamente exerceu influência: por exemplo, seu principal discípulo, Fichte, só o conheceu em 1791, bastante tarde, e os outros são posteriores. Ou seja, os kantianos são netos de Kant: há uma geração intermediária que não é kantiana. E há ainda um problema muito delicado: quando há um grande filósofo, nem toda sua obra está em linguagem clara: há certos silêncios, certos esquecimentos, certas missões... E entre os pós-kantianos, a razão prática tem muito maior relevo: sim, partem da crítica da razão teórica, contam com ela, mas não é o que seguem, não é o que primariamente desenvolvem. E o que fazem é uma especulação: são grandes construtores de catedrais, os grandes sistemáticos da filosofia, que elaboram grandes e impressionantes construções intelectuais, às vezes com certas violências à realidade. Ortega disse certa vez que tinha pensando em escrever um ensaio intitulado “Genialidade e inverecúndia no idealismo transcendental”. E há esse afã, de esquematismo, do desenvolvimento das grandes construções intelectuais... e isto é a consequência imediata de Kant.

Depois há o positivismo. O positivismo recebe influência do kantismo, mas o recebe num momento em que se renuncia aos grandes problemas, em que se fala dos fenômenos e de suas leis; não se fala de essências, do que as coisas são. Isto faz com que o pensamento kantiano se converta numa espécie de metodologia do conhecimento empírico. Já na segunda metade do século XIX aparece o que se chama de neokantismo (sempre que eu vejo o prefixo “neo” me preocupo – há um livro famoso “Kant e os epígonos”, cujos capítulos sempre terminavam com: “portanto é preciso retornar a Kant”) – cuja escola mais importante é a escola de Marburgo, que além do mais nos interessa muito particularmente porque foi nela que Ortega se formou. O que querem é, em última análise, converter o kantismo em teoria do conhecimento, em epistemologia.

E ainda mais: há um momento no século XX em que se volta a ler Kant de outra maneira, com outros olhos. E lê-se Kant sobretudo como um pensador inacabado, que não chegou a completar sua filosofia: toda sua enorme obra era uma preparação para isto. O primeiro a reparar nesse fato foi Ortega. Ortega escreve um folheto em 1924: Kant: reflexões de um centenário. E precisamente examina Kant a partir do ponto de vista do que representa para a cultura alemã. Por exemplo, a dificuldade de ir mais além de si mesmo, a atitude frequentemente subjetivista que aparece no pensamento alemão. Pouco depois publicou outro folheto Kant no qual explicita isto: Kant, afinal, é um metafísico: trata de fazer uma obra que não chega a completar, que se indica em alguns de seus livros, especialmente num deles há textos muito interessantes que comentarei brevemente daqui a pouco.

E em 1929 Heidegger publica Kant e o problema da metafísica, uma visão da metafísica indicada – mas não plenamente realizada – por Kant, que, em última análise, seria justamente um metafísico que não acaba de realizar sua obra. Além disso Kant diz coisas particularmente muito interessantes quando fala das quatro perguntas fundamentais que devem ser feitas: O que posso saber? A Metafísica responde a isto. O que posso esperar? A religião responde a isto.

O que devo fazer? Isto é a moral. E finalmente: O que é o homem? A isto responde a antropologia. E Kant diz que estas quatro perguntas se resumem, afinal, na última: “O que é o homem”: E isto é interessante porque Kant faz a distinção entre dois conceitos da filosofia: o Schulbegriff, o conceito escolar da filosofia e o Weltbegriff, o conceito mundano da filosofia, a filosofia para a vida. E ele diz: mais importante é a filosofia para vida, o conceito mundano da filosofia.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

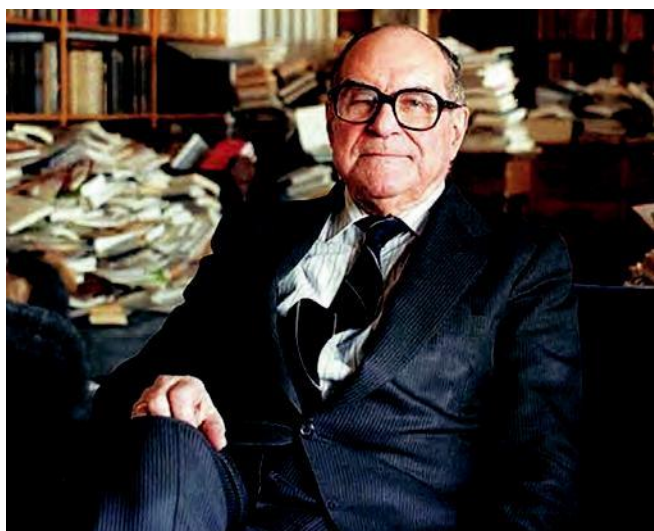
2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Precisamente nesse breve texto da Introdução às Lições de Lógica, editadas por Jaesche, já no final da vida de Kant, é interessante que justamente a filosofia de Kant desemboca na distinção entre o conceito escolar e o conceito mundano da filosofia e nessas quatro perguntas capitais.

Já há bastante tempo eu disse na Antropologia Metafísica que, do meu ponto de vista, não é certo que se possa reduzir tudo a uma pergunta: O que é o homem? E o dizia precisamente num livro de antropologia. Eu dizia: – não, para começar, não está correta a pergunta: “O que é o homem? “. Essa pergunta tem sido feita pela filosofia já há muito tempo, mas é uma pergunta errada, é uma pergunta que propõe um problema de resposta falsa, porque o homem não é um “que”... Se alguém bate à porta, não se pergunta “que”, mas sim “quem” é. Devemos distinguir radicalmente entre “que” e “quem”. A pergunta não é portanto “O que é o homem? “, nem tampouco “Quem é o homem?” – Isto não tem sentido – a pergunta radical é “Quem sou eu? “.

Outros filósofos alemães – de Kant a Hegel – falam do eu; a filosofia de todos os idealistas alemães está centrada no conceito do eu, que põe o não-eu. O eu transcendental. Sim, sim, mas quando se usa o artigo determinado com a palavra “eu”, esta palavra se altera profundamente, fica substantivada, coisificada. Porque “eu” é um pronome, é um pronome pessoal, que indica precisamente a posição existente e única. Quando alguém bate e se pergunta “Quem é”, frequentemente se responde: “eu”, se a voz for conhecida. “Eu”, não “o eu”, que é uma abstração; “eu”, rigorosamente pronominal.



Julian Mariás: renomado filósofo espanhol, autor da conferência sobre Kant anteriormente publicada.

Portanto, a pergunta não seria “O que é o homem? “, a pergunta seria “Quem sou eu?”. Mas esta pergunta vai acompanhada de outra, inseparável: “O que vai ser de mim? “. São duas perguntas inseparáveis e que de certo modo se contrapõem: quero dizer que na medida em que posso responder plenamente a uma, a outra fica na sombra. Se eu sei quem sou, se eu me vejo a mim mesmo como pessoa, como quem, não acabo de saber o que vai ser de mim.

Se, por outro lado, quero ter a certeza sobre o que vai ser de mim, evidentemente necessito apoiar-me em algo estável e executo a operação de – de certo modo – coisificação. Essas duas perguntas são inevitáveis, inseparáveis e – de algum modo – conflitantes. Por isso, é que eu acho que a vida humana é dramática.

Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía”, Madrid, 1999/2000.
© Edição: Jean Lauand. Tradução: Elie Chadarevian

5. Frases e Pensamentos de Kant

“A missão suprema do homem é saber o que precisa para ser homem. “

“A moral, propriamente dita, não é a doutrina que nos ensina como sermos felizes, mas como devemos tornar-nos dignos da felicidade. “

“É no problema da educação que assenta o grande segredo do aperfeiçoamento da humanidade. “

“Age de modo que consideres a humanidade tanto na tua pessoa quanto na de qualquer outro, e sempre como objetivo, nunca como simples meio. “

“O mesmo acontece ao mérito e à inocência: perde-se, desde que deles nos sustentemos. “

“Belo é tudo quanto agrada desinteressadamente. “



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



"O desejo é a autodeterminação do poder dum pessoa pela imaginação dum fato futuro, que seria o efeito desse poder. "

"O princípio da finalidade não é constitutivo, mas regulador. "

"A amizade é semelhante a um bom café; uma vez frio, não se aquece sem perder bastante do primeiro sabor. "

"Todo o conhecimento humano começou com intuições, passou daí aos conceitos e terminou com ideias. "

"É por isso que se mandam as crianças à escola: não tanto para que aprendam alguma coisa, mas para que se habituem a estar calmas e sentadas e a cumprir escrupulosamente o que se lhes ordena, de modo que depois não pensem mesmo que têm de pôr em prática as suas ideias. "

"A geometria é uma ciência de todas as espécies possíveis de espaços. "

"Age sempre de tal modo que o teu comportamento possa vir a ser princípio de uma lei universal. "

"O homem é o único animal que precisa trabalhar. "

"Age de tal forma que a máxima do teu querer possa valer em todo o tempo também como princípio de uma legislação geral. "

"Quanto mais amor temos, tanto mais fácil fazemos a nossa passagem pelo mundo. "

"O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele. "

"A paciência é a fortaleza do débil e a impaciência, a debilidade do forte. "

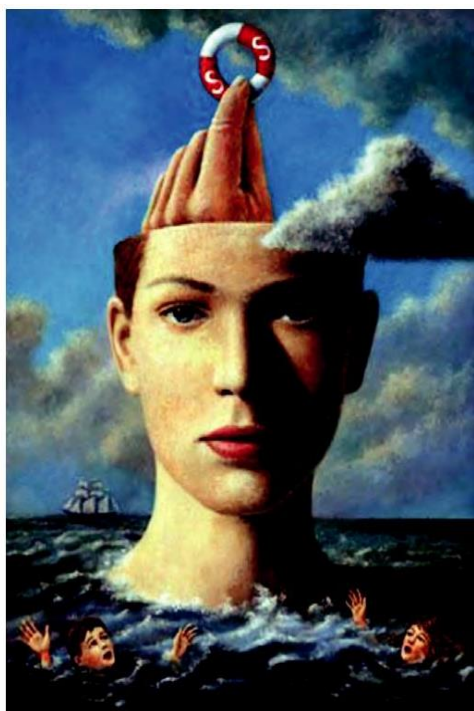
"Não há garantias. Do ponto de vista do medo, ninguém é forte o suficiente. Do ponto de vista do amor, ninguém é necessário. "

"A nossa época é a época da crítica, à qual tudo tem que submeter-se. A religião, pela sua santidade, e a legislação, pela sua majestade, querem igualmente subtrair-se a ela. Mas então suscitam contra elas justificadas suspeitas e não podem aspirar ao sincero respeito, que a razão só concede a quem pode sustentar o seu livre e público exame. "

"Podemos julgar o coração de um homem pela forma como ele trata os animais. "

"Duas coisas povoam a mente com uma admiração e respeito sempre novos e crescentes...o céu estrelado por cima e a lei moral dentro de nós. "

"Ciência é conhecimento organizado. Sabedoria é vida organizada. "



Para Kant, a razão prática é aquela que orienta a moral humana.

6. Texto: Racionalismo e Empirismo

Por José Maurício F. Mazzucco

O filósofo René Descartes (1596-1650) iniciou uma teoria do conhecimento. Descartes é um representante do racionalismo ou do inatismo, segundo o qual o homem desenvolve ideias a partir de seu próprio sujeito, pois a realidade está primeiramente no espírito. Diante do polo sujeito e objeto (conhecedor e conhecido), Descartes prioriza o papel do primeiro, pois as ideias não vêm de fora, mas estão dormentes no sujeito e somente um conhecimento baseado no critério da racionalidade interna do homem pode assegurar um conhecimento verdadeiro. Por outro lado, temos os empiricistas que afirmam o contrário: a alma é como uma tabula rasa e o conhecimento só é construído graças ao contato com a realidade empírica, ou seja, em contato com a realidade sensível. Um filósofo representante dessa concepção é John Locke (1632-1704) e Francis Bacon (1561-1626).



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Comparando Descartes a Locke, podemos afirmar que enquanto o primeiro enfatiza o sujeito conhecedor, o segundo enfatiza o objeto conhecido, pois a realidade é acessível ao pensamento humano pela experimentação.

Entre a postura dos racionalistas, que valorizam o sujeito, e dos empiricistas, que valorizam o objeto, encontramos a posição de Immanuel Kant (1724-1804), para quem o conhecimento esbarra com os limites da razão e com as possibilidades da experiência. Se não se pode confiar totalmente na razão, também não se pode confiar totalmente nos sentidos.

Para Kant:

“... o nosso conhecimento experimental é um composto do que recebemos por impressões e do que a nossa própria faculdade de conhecer de si mesma tira por ocasião de tais impressões”. Em suma, para Kant, o conhecimento resulta da apreensão dos conteúdos pela experiência empírica e pela razão humana.

Situação de Aprendizagem 12 A DIALETICA DE HEGEL

1. Introdução

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Estugarda, em 27 de agosto de 1770, e faleceu em Berlim, no dia 14 de novembro de 1831. Hegel foi um dos mais influentes e fundamentais filósofos alemães. Recebeu sua formação do Seminário de Tubinga (Seminário da Igreja Protestante em Württemberg). Na constelação de influências de Hegel, temos o nome de grandes filósofos, como Spinoza, Kant e Rousseau. No seminário conheceu dois nomes do romantismo literário: Hölderlin e Schelling, com quem compartilhava um entusiasmo pela Revolução Francesa. Posteriormente, decepcionado com o período do Terror, voltou-se para uma postura mais conservadora. Hegel representa o ápice do idealismo alemão do século XIX, que teve impacto profundo no materialismo histórico de Karl Marx. É considerado também o pai da dialética moderna, sistema filosófico que construiu lentamente.

A primeira e a mais importante das obras maiores de Hegel é sua *Fenomenologia do Espírito*. Publicou também a *Enciclopédia das Ciências Filosóficas, a Ciência da Lógica, e os (Elementos da) Filosofia do Direito*. Sua obra, no entanto, é bem mais vasta, versando sobre religião, filosofia da História e estética.

2. A Dialética e o Idealismo

Hegel criou um sistema para possibilitar uma visão total da História e do mundo: a dialética, uma progressão na qual cada movimento sucessivo surge como solução das contradições inerentes ao movimento anterior. Formulou, assim, uma espécie de motor da História em que a evolução se dava pelas relações de contradição dos fenômenos, onde toda **tese**, pressupõe uma antítese (sua contradição) e da relação de tensão entre a tese e **antítese**, surgiria uma **síntese**, que por sua vez se constituiria numa nova tese. Essa tríade (tese, antítese e síntese) simplifica a compreensão da dialética de Hegel, mas ele próprio nunca a usou. Por exemplo, a Revolução Francesa constitui, segundo o filósofo alemão, a introdução da liberdade nas sociedades ocidentais. Contudo, justamente por ser novidade absoluta, é também absolutamente radical: de um lado, a eclosão da violência que fez falta para realizar a revolução, não pode deixar de ser o que é, sendo que, por outro lado, já consumiu seu oponente. A revolução, portanto, resultaria inevitavelmente no brutal Terror. A dialética consiste no progresso da História, porque se



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



aprende com seus erros. No caso da Revolução, diria que somente depois desta experiência, e precisamente por causa dela, pode-se postular a existência de um Estado constitucional de cidadãos realmente livres. Nesse caso, diríamos que a Revolução seria a tese, o Terror, a antítese e a constituição do Estado democrático, a síntese. Vale lembrar que o sistema dessa tríade, não aparecendo claramente em Hegel, tem função pedagógica.

O pensamento de Hegel é chamado de idealista porque, diferentemente da visão dos materialistas, que julgam as forças materiais serem o motor da História, acreditava que a força da História residia nos princípios do espírito e do pensamento. Assim, para Hegel, a contradição é o motor do pensamento. Karl Marx foi profundamente influenciado por Hegel, mas o acusou de idealista, criando assim uma dialética materialista, em que o motor da História seria o desenvolvimento das forças produtivas.

3. Texto filosófico sobre Hegel

Por Rubem Queiroz Cobra (Bacharel em Filosofia e Doutor em Geologia)

Pensamento: A filosofia de Hegel é a tentativa de considerar todo o universo como um todo sistemático. O sistema é baseado na fé. Na religião cristã, Deus foi revelado como verdade e como espírito. Como espírito, o homem pode receber esta revelação. Na religião a verdade está oculta na imagem; mas na filosofia o véu se rasga, de modo que o homem pode conhecer o infinito e ver todas as coisas em Deus.

O sistema de Hegel é assim um monismo espiritual, mas um monismo no qual a diferenciação é essencial. Somente através da experiência pode a identidade do pensamento e o objeto do pensamento serem alcançados, uma identidade na qual o pensar alcança a inteligibilidade progressiva que é seu objetivo. Assim, a verdade é conhecida somente porque o erro foi experimentado e a verdade triunfou; e Deus é infinito apenas porque ele assumiu as limitações de finitude e triunfou sobre elas. Similarmente, a queda do homem era necessária se ele devia atingir a bondade moral. O espírito, incluindo o Espírito infinito, conhece a si mesmo como espírito somente por contraste com a natureza.



Hegel foi o pai do idealismo alemão.

O sistema de Hegel é monista pelo fato de ter um tema único: o que faz o universo inteligível é vê-lo como o eterno processo cíclico pelo qual o Espírito Absoluto vem a conhecer a si próprio como espírito (1) através de seu próprio pensamento; (2) através da natureza; e (3) através dos espíritos finitos e suas autoexpressões na história e sua autodescoberta, na arte, na religião, e na filosofia, como Um com o próprio Espírito Absoluto.

O compêndio do sistema de Hegel, a "Enciclopédia das Ciências Filosóficas", é dividido em três partes: **Lógica, Natureza e Espírito**. O método de exposição é dialético. Acontece com frequência, que em uma discussão, duas pessoas que a princípio apresentam pontos de vista diametralmente opostos, depois concordam em rejeitar suas visões parciais próprias e enfim aceitam uma visão nova e mais ampla, que faz justiça à substância de cada uma das precedentes. Hegel acreditava que o pensamento sempre procede deste modo: começa por lançar uma tese positiva que é negada imediatamente pela sua antítese; então um pensamento seguinte produz a síntese. Mas esta síntese, por sua vez, gera outra antítese, e o mesmo processo continua uma vez mais. O processo, no entanto, é



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



circular: ao final, o pensamento alcança uma síntese que é igual ao ponto de partida, exceto pelo fato de que tudo que estava implícito ali foi agora tornado explícito, tudo que estava oculto no ponto inicial foi revelado. Assim, o pensamento propriamente, como processo, tem a negatividade como um de seus momentos constituintes, e o finito é, como a auto manifestação de Deus, parte e parcela do infinito mesmo. O sistema de Hegel dá conta desse processo dialético em três fases:

- a) **Lógica:** O sistema começa dando conta do pensamento de Deus “antes da criação da natureza e do espírito finito”, isto é, com as categorias ou formas puras de pensamento, que são a estrutura de toda vida física e intelectual. Todo o tempo, Hegel está lidando com essencialidades puras, com o espírito pensando sua própria essência; e estas estão ligadas a um processo dialético que avança do abstrato para o concreto. Se um homem tenta pensar a noção de um ser puro (a mais abstrata categoria de todas), ele encontra que ela é apenas o vazio, isto é, nada. No entanto, o nada “é”. A noção de ser puro e a noção de nada são opostas; e, no entanto, cada uma, quando alguém tenta pensá-la, passa imediatamente para a outra. Mas o caminho para sair dessa contradição é de imediato rejeitar ambas as noções separadamente e afirmá-las juntas, isto é, afirmar a noção do vir a ser, uma vez que o que ambas vêm a ser é e não é ao mesmo tempo. O processo dialético avança através de categoria de crescente complexidade e culmina com a ideia absoluta, ou com o espírito como objetivo para si mesmo.
- b) **Natureza:** A natureza é o oposto do espírito. As categorias estudadas na Lógica eram todas internamente relacionadas umas às outras; elas nascem umas das outras. A natureza, no entanto, é uma esfera de relações externas. Partes do espaço e momentos do tempo excluem-se uns aos outros; tudo na natureza está em espaço e tempo e, assim, é finito. Mas a natureza é criada pelo espírito e traz a marca de seu criador. As categorias aparecem nela como sua estrutura essencial e é tarefa da filosofia da natureza detectar essa estrutura e sua dialética; porém a natureza, como o reino da “externalidade”, não pode ser racional sequencialmente, de modo que a racionalidade prefigurada nela se torna gradualmente explícita quando o homem aparece. No homem a natureza alcança a autoconsciência.
- c) **Espírito:** Aqui Hegel segue o desenvolvimento do espírito humano através do subconsciente, consciente e vontade racional. Depois, através das instituições humanas e da História da humanidade como a incorporação e objetivação da vontade; e finalmente para a arte, a religião e filosofia, esta última na qual finalmente o homem conhece a si mesmo como espírito, como Um com Deus e possuído da verdade absoluta. Assim, o homem aberto para ele pensar sua própria essência, isto é, os pensamentos expostos na Lógica. Ele finalmente voltou ao ponto de partida do sistema, mas no roteiro deixou explícito tudo que estava implícito nele e descobriu que “nada senão o espírito é, e espírito é pura atividade”.

Nos trabalhos políticos e históricos de Hegel, o espírito humano objetiva a si próprio no seu esforço para encontrar um objeto idêntico a si mesmo. A Filosofia do Direito cai em três divisões principais. A primeira trata da lei e dos direitos como tais: pessoas (isto é, o homem como homem, muito independentemente de seu caráter individual) são o sujeito dos direitos, e o que é requerido delas é meramente obediência, não importa que motivos de obediência possam ser. O Direito assim é um abstrato universal e, portanto, faz justiça somente ao elemento universal na vontade humana. O indivíduo, porém, não pode ser satisfeito a menos que o ato que ele faz concorde não meramente com a lei mas também com suas próprias convicções conscientes. Assim, o problema no mundo moderno é construir uma ordem política e social que satisfaça os anseios de ambos. E assim também, nenhuma ordem política pode satisfazer os anseios da razão a menos que seja organizada de modo a evitar, por uma parte, a centralização que faria os homens escravos ou ignorar a consciência e, por outra parte, um antinomianismo (argumentação que se desenvolve por meio de antinomias: as proposições mutuamente excludentes) que iriam



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



permitir a liberdade de convicção para qualquer indivíduo (liberalismo) e assim produzir uma licenciosidade que faria impossível a ordem política e social.

O Estado que alcançasse essa síntese haveria de apoiar-se na instituição da família e no sentimento de culpa. Seria talvez uma forma de monarquia limitada, com governo parlamentarista, julgamento por um júri, tolerância para judeus e dissidentes, e seria diferente de qualquer estado existente nos dias de Hegel. Na Filosofia da História, Hegel pressupôs que a História da humanidade é um processo através do qual a humanidade tem feito progresso espiritual e moral e avançado seu autoconhecimento. A História tem um propósito e cabe ao filósofo descobrir qual é. Alguns historiadores encontraram sua chave na operação das leis naturais de vários tipos. A atitude de Hegel, no entanto, apoiou-se na fé de que a História é a representação do propósito de Deus e que o homem tinha agora avançado longe o bastante para descobrir o que esse propósito era: ele é a gradual realização da liberdade humana.

O primeiro passo era fazer uma transição da vida selvagem para um estado de ordem e de lei. Em muitos pontos, o pensamento de Hegel serviu aos fundamentos do marxismo, um deles é sua concepção de que os Estados têm de ser encontrados por força e violência, pois não há outro caminho para fazer o homem curvar-se à Lei antes de ele ter avançado mentalmente tão longe suficiente para aceitar a racionalidade da vida ordenada. Alguns homens aceitarão as leis e se tornarão livres, enquanto outros permanecerão escravos. No mundo moderno, o homem passou a crer que todos os homens, como espíritos, são livres em essência, e sua tarefa é, assim, criar instituições sob as quais eles serão livres de fato.



O pensamento dialético percebe que as contradições movem a História.

4. Frases e textos de Hegel

“Nada existe de grandioso sem Paixão”.

“A necessidade geral da arte é a necessidade racional que leva o homem a tomar consciência do mundo interior e exterior e a fazer um objeto no qual se reconheça a si próprio”.

“A necessidade, a natureza e a história não são mais do que instrumentos da revelação do Espírito”.

“A verdadeira figura na qual a verdade existe só pode ser o sistema científico dessa verdade”.

“As ideias que revolucionam o mundo avançam a passo miúdo”.

“Grandeza, entidade variável, mas que, apesar da sua variação, continua sempre a ser a mesma”.

“Nada de grande se realizou no mundo sem paixão”. “O Estado é a forma histórica específica na qual a liberdade adquire uma existência objetiva e usufrui da sua objetividade”.

“O artista não precisa de filosofia e, se pensa como filósofo, entrega-se a um trabalho que está justamente em oposição à forma do saber próprio da arte”.

“O estado da natureza é, antes, o estado da injustiça, da violência, do instinto natural desenfreado, das ações e dos sentimentos desumanos”.

“O homem não é mais do que a série dos seus atos”. “O tempo, essa inquietação pura da vida e esse processo de absoluta distinção”.

“O verdadeiro é o delírio báquico no qual nenhum membro deixa de estar embriagado”.

“Povo é a parte da nação que não sabe o que quer”. “Quanto ao seu supremo destino, a arte permanece para nós uma coisa do passado”.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



“Um povo que considera a natureza seu deus não pode ser um povo livre”.

“A filosofia vem sempre demasiado tarde. Enquanto pensamento do mundo, só aparece quando a realidade realizou e terminou o seu processo de formação”.

“O mais alto objetivo da Arte é o que é comum à Religião e à Filosofia. Tal como estas, é um modo de expressão do divino, das necessidades e exigências mais elevadas do espírito”.

5. O Sentido do Espírito segundo Hegel

Para conhecer bem os fatos e enxergá-los no seu verdadeiro lugar, deve-se estar no cume – não os considerar de baixo pelo buraco da fechadura da moralidade ou de alguma outra sabedoria.

(...) O ponto de vista geral da história filosófica não é abstratamente geral, mas concreto e eminentemente atual, porque é o Espírito que permanece eternamente junto de si mesmo e ignora o passado. À semelhança de Mercúrio, o condutor das almas, a Ideia é na verdade o que conduz os povos e o mundo, e é o Espírito, a sua vontade razoável e necessária, que orientou e continua a orientar os acontecimentos do mundo.

6. A Razão segundo Hegel

A razão é a suprema união da consciência e da consciência de si, ou seja, do conhecimento de um objeto e do conhecimento de si. É a certeza de que as suas determinações não são menos objetivas, não são menos determinações da essência das coisas do que são os nossos próprios pensamentos. É, num único e mesmo pensamento, ao mesmo tempo e ao mesmo título, certeza de si, isto é, subjetividade, e ser, isto é, objetividade.

(...) A razão é tão poderosa quanto ardilosa. O seu ardil consiste em geral nessa atividade mediadora que, deixando os objetos agirem uns sobre os outros conforme à sua própria natureza, sem se imiscuir diretamente na sua ação recíproca, consegue, contudo, atingir unicamente o objetivo a que se propõe.

(...) A Razão governa o mundo e, conseqüentemente, governa e governou a história universal. Em relação a essa razão universal e substancial, todo o resto é subordinado e serve-lhe de instrumento e de meio. Ademais, essa Razão é imanente na realidade histórica, realiza-se nela e por ela. É a união do Universal existente em si e por si e do individual e do subjetivo que constitui a única verdade.

7. O Artista e a sua Obra – Vida e Obra de Hegel

O artista tem, pois, essa experiência com a sua obra: ele não produziu uma essência igual a ele mesmo. Sem dúvida, da sua obra retorna para ele uma consciência, pois uma multidão admirativa honra a obra como o espírito que é a essência deles. Essa admiração, porém, ao lhe restituir a sua consciência de si apenas como admiração é antes uma confissão feita ao artista de que ela não é igual a ele. Uma vez que o seu Si retorna para ele como júbilo em geral, ali ele não encontra nem a dor da sua formação e da sua produção, nem o esforço do seu trabalho. Os outros podem de fato julgar a obra ou trazer-lhe oferendas, conceber, de algum modo, que ela seja a sua consciência; se eles se colocam com o seu saber acima dela, o artista, pelo contrário, sabe o quanto a sua operação vale mais do que a compreensão e o discurso deles; se eles se colocam abaixo dela e nela reconhecem a essência deles que os domina, ele conhece-a, pelo contrário, como o seu senhor.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



8. A Mente Universal

A mente universal manifesta-se na arte como intuição e imaginação; na religião manifesta-se como sentimento e pensamento representativo; e na filosofia ocorre como liberdade pura de pensamento. Na história mundial a mente universal manifesta-se como atualidade da mente, na sua integridade de internalidade e de externalidade. A história do mundo é um tribunal porque, na sua absoluta universalidade, o particular, isto é, as formas de culto, sociedade e espíritos nacionais em todas as suas diferentes atualidades, está presente apenas como ideal, e aqui o movimento da mente é a manifestação disto mesmo...A História do mundo não é o veredicto da força, isto é, de um destino cego realizando-se a si mesmo numa inevitabilidade abstrata e não racional. Pelo contrário, porque a mente é razão implícita e explicitamente, e porque a razão é explícita para si mesma, na mente, enquanto conhecimento, a história do mundo é o desenvolvimento necessário, decorrente da liberdade da mente, dos momentos da razão e, deste modo, da autoconsciência e da liberdade da mente.

A história da mente é a sua ação. A mente é apenas o que faz, e a sua ação faz dela o objeto da sua própria consciência. Através da história, a sua ação ganha consciência de si mesma como mente, e apreende-se na sua interpretação de si mesma para si mesma. Esta apreensão é no seu ser e no seu princípio, e a realização desta apreensão numa dada fase é simultaneamente a rejeição dessa fase e a sua elevação a uma fase mais elevada.

9. O Materialismo Dialético de Hegel

Baseado em Demócrito e Epicuro sobre o materialismo e em Heráclito sobre a dialética (do grego, dois logos, duas opiniões divergentes), Marx defende o materialismo dialético, tentando superar o pensamento de Hegel e Feuerbach. A dialética hegeliana era a dialética do idealismo (doutrina filosófica que nega a realidade individual das coisas distintas do "eu" e só lhes admite a ideia), e a dialética do materialismo é a posição filosófica que considera a matéria como a única realidade e que nega a existência da alma, de outra vida e de Deus. Ambas sustentam que realidade e pensamento são a mesma coisa: as leis do pensamento são as leis da realidade. A realidade é contraditória, mas a contradição supera-se na síntese que é a "verdade" dos momentos superados. Hegel considerava ontologicamente (do grego onto + logos; parte da metafísica, que estuda o ser em geral e suas propriedades transcendentais) a contradição (antítese) e a superação (síntese); Marx considerava historicamente como contradição de classes vinculada a certo tipo de organização social. Hegel apresentava uma filosofia que procurava demonstrar a perfeição do que existia (divinização da estrutura vigente); Marx apresentava uma filosofia revolucionária que procurava demonstrar as contradições internas da sociedade de classes e as exigências de superação.

Ludwig Feuerbach procurou introduzir a dialética materialista, combatendo a doutrina hegeliana, que, a par de seu método revolucionário, concluía uma doutrina eminentemente conservadora. Da crítica à dialética idealista, partiu Feuerbach à crítica da Religião e da essência do cristianismo. Feuerbach pretendia trazer a religião do céu para a Terra. Ao invés de haver Deus criado o homem à sua imagem e semelhança, foi o homem quem criou Deus à sua imagem. Seu objetivo era conservar intactos os valores morais em uma religião da humanidade, na qual o homem seria Deus para o homem.

Adotando a dialética hegeliana, Marx rejeita, como Feuerbach, o idealismo, mas, ao contrário, não procura preservar os valores do cristianismo. Hegel tinha identificado, no dizer de Radbruch, o ser e o *dever-ser* (o Ser e o Solene), encarando a realidade como um desenvolvimento da razão e vendo no *dever-ser* o aspecto determinante e no ser o aspecto determinado dessa unidade.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



A dialética marxista postula que as leis do pensamento correspondem às leis da realidade. A dialética não é só pensamento: é pensamento e realidade a um só tempo. Mas, a matéria e seu conteúdo histórico ditam a dialética do marxismo: a realidade é contraditória com o pensamento dialético. A contradição dialética não é apenas contradição externa, mas unidade das contradições, identidade: “a dialética é ciência que mostra como as contradições podem ser concretamente (isto é, vir-a-ser) idênticas, como passam uma na outra, mostrando também porque a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, lutando uma contra a outra em e através de sua luta.” (*Henri Lefebvre, Lógica formal/ Lógica dialética, trad. Carlos N. Coutinho, 1979, p. 192*). Os momentos contraditórios são situados na história com sua parcela de verdade, mas também de erro; não se misturam, mas o conteúdo, considerado como unilateral é recaptado e elevado a nível superior.

Marx acusou Feuerbach, afirmando que seu humanismo e sua dialética eram estáticas: o homem de Feuerbach não tem dimensões, está fora da sociedade e da história, é pura abstração. É indispensável, segundo Marx, compreender a realidade histórica em suas contradições, para tentar superá-las dialeticamente. A dialética apregoa os seguintes princípios: tudo relaciona-se (Lei da ação recíproca e da conexão universal); tudo se transforma (lei da transformação universal e do desenvolvimento incessante); as mudanças qualitativas são consequências de revoluções quantitativas; a contradição é interna, mas os contrários se unem num momento posterior: a luta dos contrários é o motor do pensamento e da realidade; a materialidade do mundo; a anterioridade da matéria em relação à consciência; a vida espiritual da sociedade como reflexo da vida material. O materialismo dialético é uma constante no pensamento do marxismo-leninismo (surgido como superação do capitalismo, socialismo, ultrapassando os ensinamentos pioneiros de Feuerbach).

Fonte: <http://www.culturabrasil.org/marx.htm>.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



Exercícios Filosóficos para Reflexão e Fixação

1. (UERJ) – O Iluminismo é a saída do homem do estado de tutela, pelo qual ele próprio é responsável. O estado de tutela é a incapacidade de utilizar o próprio entendimento sem a condução de outrem. Cada um é responsável por esse estado de tutela quando a causa se refere não a uma insuficiência do entendimento, mas à insuficiência da resolução e da coragem para usá-lo sem ser conduzido por outrem. Sapere aude! (Expressão latina que significa 'tenha a coragem de saber, de aprender'). Tenha a coragem de usar seu próprio entendimento. Essa é a divisa do Iluminismo. IMMANUEL KANT (1784). No contexto da expansão capitalista no século XIX, uma das ideias centrais do Iluminismo, de acordo com o texto, está associada diretamente à valorização da
 - a) superioridade técnica.
 - b) soberania econômica.
 - c) liberdade política.
 - d) razão científica.
 - e) liberdade religiosa.
2. Sobre o filósofo Immanuel Kant, leia e julgue as assertivas abaixo:
 - Kant distingue o conhecimento sensível, que abrange as instituições sensíveis, e o conhecimento inteligível, ou seja, das ideias metafísicas.
 - II – As obras seguintes expõem o pensamento chamado crítico do filósofo: a Crítica da Razão Prática (1781) em que explica essencialmente porque as metafísicas são voltadas ao fracasso e porque a razão humana é impotente para conhecer o fundo das coisas; e a Crítica da Razão Pura (1788), obra em que estuda o problema da moralidade humana.
 - O termo 'crítica' pode ser entendido como o método kantiano da reflexão analítica ou da análise reflexiva. Esse método parte do exercício de remontar o conhecimento às condições que o tornariam legítimo.Estão(está) corretas(correta):
 - a) Todas
 - b) Apenas I e II
 - c) Apenas II e III
 - d) Apenas I e III
 - e) Apenas II
3. Kant não duvidava das verdades científicas de sua época, tampouco dos princípios morais, contudo:
 - a) achava necessário buscar os fundamentos racionais que sustentavam essas verdades universais.
 - b) valorizava sobretudo a experiência religiosa.
 - c) sustentava que somente as bases empíricas poderiam dar coesão e sentido às categorias filosóficas.
 - d) acreditava que, sendo o homem uma tábula rasa, todo conhecimento teria origem na realidade concreta e empírica.
 - e) sustentava que a análise historicista deveria nortear todo discurso e toda teoria.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



4. Para Kant, os juízos rigorosamente verdadeiros, e, portanto, necessários e universais, são juízos a priori, isto é, independentes dos azares da experiência, sempre particular e contingente. Isso significa que Kant:

- a) era um empirista.
- b) valorizava a razão humana.
- c) sustentava verdades metafísicas.
- d) era um cético.
- e) era um analítico historicista.

5. Leia e julgue as assertivas abaixo acerca do pensamento de Kant:

– As ciências são possíveis, pois a matemática e as ciências encontraram um caminho seguro e progridem, avançam, se consolidam; em filosofia, em metafísica não se chegou a ter o caminho seguro da ciência e isto é justamente o que determina a preocupação central de Kant.

– Kant diz que aquilo que chama de “a coisa em si” não se pode conhecer; porque eu conheço “a coisa em mim”. O que eu conheço, conheço submetido a mim; submetido ao meu espaço, ao meu tempo, às minhas categorias, isto é a “coisa em mim”. Quando eu conheço algo, transformo, modifico a coisa em si. Em outros termos, o conhecimento é uma transformação do real.

– Kant usa os termos a priori ou puro para indicar todo conhecimento que independe da experiência. Há, portanto, um conhecimento a posteriori, fundamentado na experiência e um a priori, que dela independe.

Estão(está) corretas(correta):

- a) Todas
- b) Apenas I e II
- c) Apenas II e III
- d) Apenas I e III
- e) Apenas II

6. No debate sobre epistemologia, Kant situa-se

- a) ao lado dos racionalistas, valorizando o sujeito produtor de conhecimento.
- b) ao lado dos empiristas, sobrevalorizando o papel da razão humana.
- c) ao lado dos inatistas, valorizando a produção de conhecimento pela observação da realidade concreta.
- d) ao lado dos empiristas, valorizando a observação e o papel dos sentidos.
- e) entre a postura dos racionalistas, que valorizam o sujeito, e a dos empiricistas, que valorizam o objeto.

7. Para Kant,

- a) só se pode confiar nos sentidos.
- b) deve-se confiar sobretudo na razão.
- c) a razão é incapaz de reconhecer seus próprios limites para conhecer.
- d) não há limites na racionalidade humana e não se deve confiar nos sentidos.
- e) se não se pode confiar totalmente na razão, também não se pode confiar totalmente nos sentidos.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



8. O pensamento de Hegel é chamado de idealista porque
- a) diferente da visão dos materialistas, que julgam as forças materiais ser o motor da História, acreditava que a força da História residia nos princípios do espírito e do pensamento.
 - b) esse filósofo criou um ideal de sociedade baseado na justiça social e na democracia, e isso explica o grande interesse de Marx pela relação sua dialética.
 - c) o filósofo alemão sustentava que a razão era fonte do saber, posicionando-se, portanto, ao lado dos pensadores neoplatônicos.
 - d) esse filósofo acreditava que as instâncias do espírito e da cultura eram determinadas pelo desenvolvimento das forças produtivas.
 - e) Hegel entendia que o mundo original era o mundo das ideias e não o mundo sensível das aparências reveladas pela experiência sensorial.
9. (UFU-adaptada) – A respeito do conceito de dialética, Hegel faz a seguinte afirmação:
“O interesse particular da paixão é, portanto, inseparável da participação do universal, pois é também da atividade do particular e de sua negação que resulta o universal.” (HEGEL, G. W. F. Filosofia da História. 2. ed. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora da UnB, 1998. p. 35.)
Com base no pensamento de Hegel, assinale a alternativa correta.
- a) O particular é irracional, por isso é a negação do universal, portanto, a História não é guiada pela razão, mas se deixa conduzir pelo acaso cego dos acontecimentos que se sucedem sem nenhuma relação entre eles.
 - b) O universal é a somatória dos particulares, de modo que a História é tão só o acumulado ou o agregado das partes isoladas, e assim elas estão articuladas tal como engrenagens de uma grande máquina.
 - c) O particular da paixão é a ação dos indivíduos, sempre em oposição à finalidade da História, isto é, do universal da razão que governa o mundo, mas esta depende da ação dos indivíduos, sem os quais ela não se manifesta.
 - d) O universal é a vontade divina que, por intermédio da sua ação providente, preserva os homens de todos os perigos, evitando que se desgastem com suas paixões, assim, o humano é preservado desde o seu surgimento na Terra.
 - e) O mundo não tem sentido e a História não tem uma finalidade. É o espírito humano que lhe atribui sentidos para escapar do absurdo da existência.
10. “A filosofia vem sempre demasiado tarde. Enquanto pensamento do mundo, só aparece quando a realidade realizou e terminou o seu processo de formação”. (Hegel). Assinale a alternativa que explica o sentido dessas palavras.
- a) Para Hegel, o pensamento é reflexo das forças produtivas.
 - b) Para Hegel, a História tem seu próprio motor e independe das expressões da filosofia.
 - c) Para Hegel, os filósofos sentenciam os rumos da História.
 - d) Hegel revela-se pouco dialético ao entender que os filósofos não conduzem as vias da História.
 - e) A História é o acúmulo dos registros filosóficos, dos ensaios e reflexões dos grandes pensadores da humanidade.



APOSTILA DE FILOSOFIA

Prof. Leandro Andrade da Rocha

2º ano – Ensino Médio - 1º bimestre



11. Diz-se que a filosofia de Hegel é monista. Entende-se por isso que
- o pensamento hegeliano não percebe as contradições da realidade e dos movimentos do espírito humano.
 - Hegel entende o universo como um todo coerente, livre dos paradoxos que de fato constituem o mundo.
 - a sua filosofia pretende projetar uma explicação científica para a evolução econômica da humanidade, terminando em um modelo que socializa o patrimônio material e espiritual.
 - a filosofia de Hegel julga que o homem é a medida de todas as coisas.
 - a filosofia de Hegel é a tentativa de considerar todo o universo como um todo sistemático.
12. (ENEM-2014) – Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém, todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento. KANT, I. Crítica da razão pura. Lisboa: Calouste-Guibenkian, 1994 (adaptado). O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana da filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que
- assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
 - defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
 - revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
 - apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
 - refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

18

BIBLIOGRAFIA E SUGESTÕES DE APROFUNDAMENTO

MONDIN, B. Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2001.

REALE, M. Introdução à Filosofia. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CAYGILL, Howard. Dicionário Kant. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

INWOOD, Michael. Dicionário Hegel. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KANT, Immanuel. À paz perpétua. Trad. Marco A. Zingano. Porto Alegre; São Paulo: L&PM, 1989.

_____. A Religião dentro dos limites da simples razão. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974b.

_____. Crítica da faculdade do juízo. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005d.

_____. Crítica da Razão Prática. Trad. Afonso Bertagnoli. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, sd.

_____. Crítica da Razão Pura. In: Os Pensadores. Trad. Valério Rohden e Udo Valdur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1996a.

PASCAL, Georges. O pensamento de Kant. Trad. Raimundo Vier. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

Professor Leandro Andrade da Rocha



Website

www.cogitomagister.blogspot.com



leoandrerocha@hotmail.com



@msleandrorocha



LeandroChamberlain